

A esperança de definição

por Alexandre Gambirasio
de São Paulo

Cansados já de tantos "pacotes" de decretos-leis, resoluções e portarias que mudam a todo momento as regras do jogo da economia — e cansados de uma Constituinte que ameaça nunca concluir seu trabalho —, os empresários privados nacionais estão à espera não mais de outro "choque fiscal", mas sim de um "choque político" que defina claramente, pelo menos a médio prazo, o horizonte brasileiro.

Obviamente, não se trata, para a maioria dos empresários, de desejar de novo a presença de um Executivo autoritário na cena política. Ao contrário, admitem eles alegremente que o País viverá daqui por diante o processo democrático, com toda a sua lentidão e as suas dificuldades, mas também com todas as suas óbvias vantagens. O que o empresário deseja — segundo a palavra de alguns de seus expoentes — é que a sociedade defina com toda a convicção a sua escolha da economia livre de mercado como o sistema econômico futuro. Em resumo, que o Brasil opte pelo capitalismo moderno. Como diz o executivo e professor paulista Carlos Antonio Rocca, essa é "a opção crucial". Seria o choque do bom senso, da sanidade, em termos de economia.

A eleição presidencial que se avizinha poderia representar esse marco divisor, esse "choque político". Mas alguns empresários temem que ela ocorrerá cedo demais, antes que assumam forma concreta as aspirações liberais e modernizantes que estão presentes, de modo difuso ainda, na sociedade. A curto prazo, parece estar na moda o populismo, velho bicho-papão da política latino-americana, acham eles.

"Há realmente um clima, um aroma no ar, de que nós estamos vivendo uma fase romântica, de que somente a vontade, o ato de volição, já viabiliza o resultado", afirma o empresário paulista Jorge Wilson Simeira Jacob, presidente do grupo Fenícia e líder de um grupo de empresários liberais. "E quantos fracassos conhecemos, com o Brasil desejando ser uma nação de primeira grandeza. E não faltou vontade!", diz ele.

E, outra hipótese, o que poderia

forçar a rejeição dessa atitude onírica de distanciamento da realidade dos fatos seriam, a médio prazo, um grande descontrole da inflação e o aparecimento de uma recessão com forte nível de desemprego. Ai sim — salvo opções desesperadas — o "choque político" da crise levaria a sociedade à decisão de libertar a capacidade de iniciativa do empresário privado e de restabelecer o fluxo de capitais e de tecnologia vindos do exterior. "E sem capital externo não haverá crescimento acelerado", advertem os empresários.

O mais provável, contudo, na opinião geral dos empresários, é que a economia brasileira se arraste ainda por algum tempo na incerteza, em plena turbulência, prisioneira que se encontra das hesitações políticas e ideológicas de um grupo de líderes sem experiência ainda dos processos da democracia. Observa um jovem empresário paulista: "Afinal, Bresser é socialista. Por que esperar que ele favoreça a liberdade de iniciativa?"

Por enquanto, só há certeza das "certezas negativas", observa Edson Vaz Musa, diretor-presidente da Rhodia S.A. "Certeza dos juros altos, certeza do excesso da despesa pública, certeza do clientelismo, certeza de outros 'pacotes', certeza do tabelamento de preços."

Mas, a médio prazo, transformações certamente vão ocorrer. A Constituinte é o palco em que a nova classe política ensaia as suas novas direções.

Adverte o publicitário Mauro Salles, veterano observador da cena brasileira: "Caimos no primado da política. Não se iludam os que pensam que as mudanças não virão". Ele não aconselha, para esse momento delicado, a técnica do avestruz. "O empresário tem de estar no ataque", insiste.

Simeira Jacob tem a convicção, de seu lado, que o caminho para a liberdade econômica não será curto nem fácil. "Mas o que me dá uma sinalização otimista", diz ele, "é que a sociedade está reagindo. Eu não tenho medo do corpo social quando ele reage; tenho medo quando ele fica apático."

E acrescenta: "O que estamos vendo em todos os segmentos da sociedade é que as pessoas querem uma solução e que estão tentando fa-

zer alguma coisa. Eu recebi na semana passada uma comissão de senhoras que se estão organizando. Já reuniram trezentas senhoras e o objetivo delas é influir nas próximas eleições. Elas vão depurar o processo político brasileiro? Não sei. Pode ser que não. Mas acho que é um segmento a mais que não está satisfeito com isto que está aí".

Para muitos empresários, os demônios desta fase de transição para a democracia estão claramente identificados. São o socialismo, na sua subencarnação de populismo estatizante, e todos os efeitos correlatos: enorme déficit público, ineficiência do aparelho estatal, corrupção, ingerência constante do Estado na economia, preconceito ideológico contra o lucro e mesmo contra a iniciativa privada. E mais, no Brasil de hoje, a xenofobia.

Por que existe essa onda xenofóbica? Opina Simeira Jacob: "Você tem aí o fenômeno muito próprio do populismo. O regime populista, para sobreviver, precisa de fatos novos; então ele se direciona contra algum bode expiatório. Alguma coisa que justifique por que o sistema não está dando certo".

Para que a economia brasileira tenha um futuro a médio prazo, insistem os empresários, o Estado deve retirar-se e abrir espaço para o setor privado. Diz Vaz Musa: "Nós precisamos de um capitalismo nacional forte".

Decididas as regras do jogo nessa direção favorável, os empresários acham que o País reencontraria o ritmo rápido de crescimento de que absolutamente necessita. Fatores favoráveis existem: as empresas não estão endividadas; a nova geração de empresários tem sofisticação; o mercado tem escala.

Simeira Jacob vê esperança até para logo. "O governo tem condições de recuperar a credibilidade, se ele montar um ministério de salvação nacional, com homens ilibados, acima de qualquer suspeita. Um governo a despeito dos partidos políticos."

"Sarney deveria escolher os melhores nomes nacionais na área da economia e dizer, daqui por diante, vamos fazer um governo sério. Vamos cortar custos e vamos cortar gastos", conclui Simeira Jacob.